

**CONHECIMENTO LOCAL DOS MORADORES DAS COMUNIDADES PANTANEIRAS DE SÃO PEDRO DE JOSELÂNDIA E BARRA DO PIRAÍM (MATO GROSSO, BRASIL) SOBRE A AVIFAUNA PANTANEIRA**

SAMUEL BORGES DE OLIVEIRA JÚNIOR\* & MICHÈLE SATO

Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Sala 47, Avenida Fernando Corrêa da Costa, s/n, 78060-900, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil

\*Author for correspondence: (samuka@ufmt.br)

**(Conhecimento local dos moradores das comunidades pantaneiras de São Pedro de Joselândia e Barra do Piraím (Mato Grosso, Brasil) sobre a avifauna pantaneira)** – As comunidades locais possuem um vasto conhecimento sobre o ambiente no qual estão inseridas. Este conhecimento é passado de geração a geração e contribui para a formação da cultura dessas comunidades, podendo ser utilizado na construção de alternativas para a conservação e manejo dos recursos naturais locais. Quando áreas de conservação são criadas, as comunidades humanas geralmente são consideradas inadequadas para permanecerem no ambiente onde vivem, o que contribui para a perda do conhecimento local. Este artigo tem o intuito de demonstrar a importância deste conhecimento, investigando a percepção que os moradores de duas comunidades pantaneiras, São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraím (Estado do Mato Grosso), possuem acerca das aves da região. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas e observação participante, realizadas com 29 moradores. Os resultados mostram que os conhecimentos tradicionais sobre as aves são coerentes com o conhecimento acadêmico. Torna-se importante conhecer e conservar o conjunto de saberes locais, uma vez que tem implicações diretas no manejo e conservação das espécies da avifauna pantaneira.

**Palavras-chave:** Etnoconhecimento, comunidades pantaneiras, avifauna.

**(Local knowledge of inhabitants of the Pantanal's communities of São Pedro de Joselândia and Barra do Piraím (Mato Grosso, Brazil) concerning Pantanal birds)** – Local communities possess vast knowledge on the environment in which they live. Knowledge is passed from generation to generation and contributes for the development of their culture, being able to be used in the construction of alternatives for conservation and management of the local natural resources. When conservation areas are created, human settlements are generally considered inadequate to remain in the environments where they have been living, which contributes for the loss of local knowledge. This article aims at reviewing the importance of this knowledge by investigating the inhabitants' perception of two Pantanal communities, São Pedro de Joselândia and Barra do Piraím (Mato Grosso State) in what concerns the birds of the region. Data were obtained by means of open-ended interviews and participant observation carried out with 29 individuals. Results show that traditional knowledge on birds is coherent with the academic knowledge. It is important to record and to conserve this set of local knowledge, since it has direct implications in the management and conservation of the Pantanal bird species.

**Key words:** Folk knowledge, Pantanal communities, avifauna.

## INTRODUÇÃO

Sob qualquer aspecto considerado, o Brasil apresenta uma das maiores riquezas quando se fala em espécies de aves. Um dos fatores principais que corroboram a riqueza de avifauna é a presença de ecossistemas bastante variados, tais como: florestas de várzea, igapó e terra firme da Amazônia; florestas úmidas de planícies e montanhas da Mata Atlântica; Caatinga; diversos habitats do Cerrado do Brasil Central; Pantanal mato-grossense; Campos da Região Sul; e as praias e manguezais do litoral. As aves são de grande valor na vida do homem e na natureza, pois se alimentam de pragas que atacam plantações e pastagens, atuam no combate aos ratos, cobras e insetos, polinizam as flores e disseminam sementes, fornecem alimentação ao homem, transmitem harmonia, beleza e inspiração e, indiretamente, exercem outras contribuições ao meio ambiente (ANDRADE, 1997).

Apesar das 1.796 espécies de aves registradas (COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS, 2007), o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking das espécies em extinção, com mais de 100 espécies ameaçadas. Este dado

está ligado aos desmatamentos que já destruíram quase 70% da área do Cerrado e mais de 10% da Amazônia Legal Brasileira, além da redução da Mata Atlântica a uma área inferior a 7% da que ocupava originalmente (ROMA, 2000).

A literatura internacional, com especial atenção aos países mais industrializados, tem evidenciado que o aumento da população mundial configura-se como uma das sérias causas da destruição ambiental, já que o aumento do consumo implica no uso cada vez maior dos recursos naturais. Todavia, o sistema natural tem sido exaurido por apenas uma pequena parcela da sociedade global, cujos interesses gananciosos visam o lucro capital, destruindo florestas e acarretando a perda da biodiversidade.

No cenário das desigualdades sociais no Brasil o tamanho populacional não deve ser encarado como o maior problema ambiental, mas a fome, o analfabetismo, o desemprego, a queima descontrolada, a caça indiscriminada e a devastação generalizada do ambiente (GATTARRI, 2001; GUIMARÃES, 2000). No mosaico desta complexidade, a corrida competitiva do mercado também traz tremendos prejuízos às espécies da avifauna.

O “descobrimento” do Brasil pode representar um

mal-estar histórico, se considerarmos que inúmeras nações indígenas já habitavam o país antes. A primeira missa realizada pelos portugueses evidencia os primórdios dos impactos ambientais e do perverso processo colonizador. Enquanto o extrativismo acelerado era marcado pelo machado e fogo destruindo florestas e seus habitantes, a maioria da população brasileira continuou perecendo na agricultura latifundiária. O conceito de desenvolvimento, inscrito na bandeira brasileira como “Ordem e Progresso” e ainda vivo nas mentes dos governantes e sociedades, corrobora a depredação de uma natureza exuberante, além de fomentar desigualdades sociais (SICK, 1997; BENJAMIN, 2002).

Além da alteração de habitats, outras atividades humanas causadoras da extinção de espécies são a caça indiscriminada, muitas vezes praticada como esporte, e a captura de exemplares na natureza para servirem de animais de estimação. Portanto, é necessário que a população brasileira participe de forma mais direta na fiscalização dos sistemas naturais, reforçando que, ao comprar um animal de estimação obtido na natureza, pode estar contribuindo para a extinção da espécie. Assim, deve-se buscar alternativas para a conservação destas espécies, demonstrando o papel que cada animal tem no ambiente e que sua possível extinção afetará a diversidade biológica e, conseqüentemente, a dinâmica dos sistemas aos quais eles estão inseridos.

A passividade em relação a estas questões decorre de falta de informações e, segundo ROMA (2000) “no que se refere à avifauna, grande parte do conhecimento está restrito a livros especializados de ornitologia ou escritos em outros idiomas (principalmente inglês), o que os torna inacessíveis à maioria dos cidadãos comuns”.

É fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades indígenas e não-indígenas, pois, sem dúvida, são depositárias de parte considerável do saber sobre a diversidade biológica hoje reconhecida. A biodiversidade não é só um produto da natureza, mas em muitos casos é produto da ação das sociedades tradicionais não-industriais. É também uma construção cultural e social. A biodiversidade diz respeito tanto a genes, espécies, ecossistemas, como a funções, e implica problemas de gestão muito diferenciados. Ela é carregada de normas de valor. Protegê-la pode significar a eliminação da ação humana, como é a proposta da ecologia radical; pode significar proteger as populações, cujos sistemas de produção e cultura repousam em dado ecossistema, e pode significar, igualmente, defender os interesses comerciais de indústrias que a utilizam como matéria-prima para produzir mercadorias. O conceito envolve diferentes funções que induzem a diferentes formas de uso. O que se deve considerar é como utilizar essa biodiversidade sem degradá-la (DIEGUES & ARRUDA, 2001; BECKER, 2001).

A necessidade de intercambiar experiências com os conhecimentos e práticas tradicionais, de estimular e incrementar a participação ativa das populações indígenas

ou autóctones na formulação de políticas, leis e programas de manejo, tanto no plano local como no âmbito nacional, sempre foi reconhecida. Destaca-se, entre as várias ações propostas para a consecução destes objetivos, a incorporação do “modo de olhar e agir” de culturas tradicionais, considerando que o significado prático do conhecimento tradicional possa ser traduzido em informação biológica, raciocínio ecológico e manejo de recursos. Assim, os estudos etnoecológicos buscam conciliar a conservação dos ecossistemas com o desenvolvimento sócio-econômico e a melhoria da qualidade de vida das parcelas menos favorecidas (NORDI *et al.*, 2001; PEDROSO JÚNIOR, 2002). Segundo BANDEIRA (2001), “a importância que o conhecimento tradicional tem ganhado nos últimos 15 anos no cenário das discussões da etnobiologia e da filosofia da ciência e de muitas áreas da ecologia aplicada (conservação e manejo), possibilita a constituição de programas de pesquisa que objetivem o entendimento dessas formas distintas, não por isso menos válidas, de conhecer, explicar e atuar no mundo”.

Para DIEGUES & ARRUDA (2001), dentre os enfoques que mais têm contribuído para o estudo das populações tradicionais está a etnociência, que parte da lingüística para estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural. Dentre os vários ramos da etnociência, destaca-se destacar a etnoecologia. Para TOLEDO (1991), “a etnoecologia é a área encarregada de estudar a parte do conhecimento tradicional sobre a natureza”, concentrando-se “no estudo dos saberes e habilidades tradicionais relativos ao manejo dos recursos naturais”. Segundo MARQUES (2001), “etnoecologia é o campo de pesquisa (científica) transdisciplinar que estuda os pensamentos (conhecimentos e crenças), sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes”.

Deste modo, o objetivo deste trabalho foi verificar o conhecimento local de duas comunidades pantaneiras sobre a avifauna local, para estabelecer cognições comparadas entre o conhecimento local e o conhecimento científico no intuito de buscar alternativas para a consolidação dos saberes locais como formas legítimas de conhecimento.

## MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado nas comunidades pantaneiras de São Pedro de Joselândia e Barra do Piraim, pertencentes ao município de Barão de Melgaço/MT, localizadas entre os Rios Cuiabá e São Lourenço. São comunidades tipicamente pantaneiras, que têm sua dinâmica influenciada pelos períodos de seca e cheia do Pantanal Mato-grossense, o que acabou por desenvolver uma relação peculiar entre seus moradores e o ambiente ao qual estão inseridos.

A comunidade de São Pedro de Joselândia fica

há aproximadamente 170 Km de Cuiabá. Pode-se chegar através de três formas: via terrestre, durante o período da seca; via aquática, durante as cheias; e via aérea. Possui aproximadamente 1.500 habitantes, sendo que as principais fontes de renda da comunidade são a pecuária, a pesca e, em menor grau, a agricultura, que na maioria das vezes é de subsistência. Em sua organização, a comunidade possui uma igreja (Igreja de São Pedro), alguns estabelecimentos comerciais e uma escola – Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Maria Silvino Peixoto Moura”, cujo nome é em homenagem à primeira professora da região.

A comunidade da Barra do Piraim é um pequeno agrupamento de moradores que fica próximo às margens do Rio Cuiabá, onde moram 15 famílias que têm como fonte de renda o trabalho nas fazendas próximas, sendo seu sustento básico extraído da pesca, da criação de alguns animais, como porcos e galinhas, e da agricultura de subsistência.

Para a realização deste trabalho foi utilizado o método da pesquisa qualitativa, que pode ser considerada como o estudo do fenômeno em seu acontecer natural, contrapondo-se ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, ou seja, levando em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas, sendo uma abordagem de pesquisa que tem suas raízes na fenomenologia (ANDRÉ, 1995).

A pesquisa foi desenvolvida através de observação direta e participativa e de entrevistas, na primeira semana de março de 2003, sendo possível entrevistar 29 moradores das duas comunidades. A observação direta possibilitou um diagnóstico e reconhecimento das espécies existentes, validados pela literatura. Este tipo de observação pode ser obtido através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, de forma a recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (CHIZZOTTI, 2000).

Por meio de entrevistas semi-estruturadas, foram abordadas questões sobre as espécies pertencentes à avifauna local, procurando-se registrar a percepção dos moradores entrevistados. Segundo CRUZ NETO (1994), “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva”.

Optou-se por trabalhar com a percepção que os moradores possuíam sobre as aves, uma vez que nos estudos das relações homem-ambiente a investigação da percepção contribui para uma utilização mais racional dos recursos ambientais, o que possibilita uma relação harmônica dos conhecimentos locais (ponto de vista de um indivíduo, de uma coletividade ou mesmo de uma população no seu

conjunto) com os conhecimentos universais (abordagem científica tradicional), enquanto instrumento educativo e agente de transformação (MAROTI, 1997). Assim, a opção metodológica desta pesquisa se encontra no hibridismo do biorregionalismo e da etnoecologia.

O biorregionalismo pode ser considerado como a tentativa de restabelecer uma conexão entre as comunidades humanas de uma determinada região com seu ambiente natural. A visão biorregional permite contemplar o local, o que está próximo e não apenas uma noção abstrata de lugar, ou seja, as particularidades de determinadas áreas. Ao recuperar a história de um determinado lugar é possível desenvolver as relações entre a comunidade e o ambiente biofísico que ela habita. Além da proximidade com a terra, a visão biorregional apregoa o desenvolvimento de valores comunitários de cooperação, solidariedade e reciprocidade. Segundo a visão biorregional, se o indivíduo estiver vivendo mais próximo da terra, com certeza ele também desenvolverá uma relação mais próxima com a comunidade (GRÜN, 2002; SATO & PASSOS, 2002).

Os dados foram analisados qualitativamente por meio da confecção de tabelas de cognição comparada. Segundo MARQUES (2001), esta análise cognitiva é realizada “comparando-se fragmentos mêmicos do corpus das entrevistas com fragmentos mêmicos da literatura pertinente”. Estes fragmentos mêmicos são considerados os menores pedaços reconhecíveis de informação cultural – os blocos de construção de idéias, entidades autoduplicadoras capazes de serem transmitidas de um cérebro para outro através de comportamento verbal, sendo admitidos como unidades de conveniência, o que proporciona sua detecção, captura e manipulação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 73 espécies de aves pertencentes a 34 famílias (COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS, 2007). De acordo com os relatos dos moradores, 22 espécies foram citadas como integrantes do cotidiano local. Elas foram divididas em três grupos: as que são usadas como alimento (seis espécies), as que são utilizadas como animais de estimação ou xerimbabos (sete) e aquelas que têm algum tipo de uso simbólico (nove) (Tabela 1).

As espécies citadas como alimento são usadas para complementar a dieta. Elas foram mencionadas principalmente pelos moradores da comunidade de Barra do Piraim, provavelmente porque eles não têm os mesmos recursos que os da comunidade de São Pedro de Joselândia possuem. Isso pode ser constatado nos seguintes relatos:

*“Hoje em dia é mais difícil pescar em quantidade suficiente e por isso nós temos que buscar outras comidas pra gente”.*

*“A gente come perdiz, mutum, arancuã, entre outros bichos que aparecem por aí”.*

As espécies citadas como xerimbabos ou animais

de estimação são aquelas que apresentam uma coloração exuberante ou por causa de sua vocalização melodiosa. Apesar de terem sido citadas sete espécies, apenas uma foi registrada em cativeiro (*Amazona aestiva*), estando há oito anos na família, o que acaba criando vínculos dos

seres humanos com a ave, como explicitado na fala da entrevistada:

“Esse papagaio é como fosse meu filho. Não sei o quê faria se não tivesse ele comigo”.

Tabela 1. Lista de espécies de aves identificadas pelos moradores de São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraim, MT. Março 2003.

Nomes vernaculares	Nomes científicos/Famílias (CBRO, 2007)	Valor de uso
Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i> / Falconidae	Simbólico
Amassa-barro	<i>Furnarius leucopus</i> / Furnariidae	Simbólico
Andorinha	<i>Progne tapera</i> / Hirundinidae	Não relatado <sup>1</sup>
Anu-branco	<i>Guira guira</i> / Cuculidae	Não relatado
Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i> / Cuculidae	Simbólico
Arancuã	<i>Ortalis canicollis</i> / Cracidae	Alimentar
Arara-azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> / Psittacidae	Xerimbabo
Arara-canindé	<i>Ara ararauna</i> / Psittacidae	Não relatado
Arara-vermelha	<i>Ara chloropterus</i> / Psittacidae	Não relatado
Ararinha	Espécie não identificada <sup>2</sup> / Psittacidae	Não relatado
Bacurau	<i>Nyctidromus albicollis</i> / Caprimulgidae	Não relatado
Beija-flor	Espécie não identificada / Trochilidae	Simbólico
Bem-te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i> / Tyrannidae	Simbólico
Bem-te-vi-do-gado	<i>Machetornis rixosa</i> / Tyrannidae	Não relatado
Bico-de-prata	<i>Ramphocelus carbo</i> / Emberizidae	Xerimbabo
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> / Phalacrocoracidae	Não relatado
Biguatinga	<i>Anhinga anhinga</i> / Anhingidae	Não relatado
Cabeça-seca	<i>Mycteria americana</i> / Ciconiidae	Não relatado
Cafezinho	<i>Jacana jacana</i> / Jacanidae	Não relatado
Canário-da-terra	<i>Sicalis flaveola</i> / Emberizidae	Xerimbabo
Carão	<i>Aramus guarauna</i> / Aramidae	Não relatado
Carcará	<i>Caracara plancus</i> / Falconidae	Não relatado
Cardeal	<i>Paroaria capitata</i> / Emberizidae	Xerimbabo
Coleirinha	<i>Sporophila collaris</i> / Emberizidae	Xerimbabo
Colhereiro	<i>Platalea ajaja</i> / Threskiornithidae	Não relatado
Corocoró	<i>Mesembrinibis cayennensis</i> / Threskiornithidae	Não relatado
Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i> / Threskiornithidae	Não relatado
Fogo-apagou	<i>Columbina squammata</i> / Columbidae	Não relatado
Frango-d'água	<i>Phimosus infuscatus</i> / Threskiornithidae	Não relatado
Galo-de-campina	<i>Paroaria coronata</i> / Emberizidae	Não relatado
Garça-branca-grande	<i>Ardea alba</i> / Ardeidae	Não relatado
Garça-branca-pequena	<i>Egretta thula</i> / Ardeidae	Não relatado
Garça-vaqueira	<i>Bubulcus ibis</i> / Ardeidae	Não relatado
Gavião-belo	<i>Busarellus nigricollis</i> / Accipitridae	Não relatado
Gavião-caramujeiro	<i>Rostrhamus sociabilis</i> / Accipitridae	Não relatado
Gavião-carijó	<i>Rupornis magnirostris</i> / Accipitridae	Não relatado
Gralha	<i>Cyanocorax cyanomelas</i> / Corvidae	Não relatado
Jacu	Espécie não identificada / Cracidae	Não relatado
Jacutinga	Espécie não identificada / Cracidae	Não relatado
Jaó	<i>Crypturellus undulatus</i> / Tinamidae	Alimentar
Japú	<i>Psarocolius decumanus</i> / Icteridae	Não relatado
Japuíra	<i>Cacicus cela</i> / Icteridae	Simbólico
João-de-barro	<i>Furnarius rufus</i> / Furnariidae	Não relatado
João-graveteiro	<i>Phacellodomus rufifrons</i> / Furnariidae	Não relatado
João-pinto	<i>Icterus jamacaii</i> / Icteridae	Xerimbabo
Juriti	<i>Leptotila verreauxi</i> / Columbidae	Alimentar
Maria-faceira	<i>Syrigma sibilatrix</i> / Ardeidae	Não relatado
Marrequinha	<i>Amazonetta brasiliensis</i> / Anatidae	Alimentar
Mutum	<i>Crax fasciolata</i> / Cracidae	Alimentar/ Simbólico
Papagaio	<i>Amazona aestiva</i> / Psittacidae	Simbólico

Pardal	<i>Passer domesticus</i> / Passeridae	Não relatado
Pássaro-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i> / Icteridae	Xerimbabo
Pavãozinho-do-Pará	<i>Eurypyga helias</i> / Eurypygidae	Não relatado
Perdiz	<i>Rhynchotus rufescens</i> / Tinamidae	Alimentar
Periquito	Espécie não identificada / Psittacidae	Não relatado
Príncipe	<i>Pyrocephalus rubinus</i> / Tyrannidae	Não relatado
Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i> / Charadriidae	Não relatado
Rolinha	<i>Columbina talpacoti</i> / Columbidae	Não relatado
Sabiá-laranjeira	<i>Turdus rufiventris</i> / Turdidae	Não relatado
Sanhaço	<i>Thraupis sayaca</i> / Thraupidae	Não relatado
Saracura	Espécie não identificada / Rallidae	Não relatado
Seriema	<i>Cariama cristata</i> / Cariamidae	Não relatado
Socó-boi	<i>Tigrisoma lineatum</i> / Ardeidae	Não relatado
Socozinho	<i>Butorides striata</i> / Ardeidae	Não relatado
Suiriri	<i>Tyrannus melancholicus</i> / Tyrannidae	Não relatado
Tachã	<i>Chauna torquata</i> / Anhimidae	Não relatado
Trinca-ferro	<i>Saltator similis</i> / Cardinalidae	Não relatado
Tucano	<i>Ramphastos toco</i> / Ramphastidae	Não relatado
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i> / Ciconiidae	Não relatado
Urubu	<i>Coragyps atratus</i> / Cathartidae	Simbólico
Urubu-rei	<i>Sarcoramphus papa</i> / Cathartidae	Não relatado
Urutau	<i>Nyctibius griseus</i> / Nyctibiidae	Não relatado
Viuvinha-do-brejo	<i>Arundinicola leucocephala</i> / Tyrannidae	Não relatado

<sup>1</sup>Não significa que a espécie não tenha nenhum tipo de valor para os moradores, mas que não foi identificado nesta pesquisa.

<sup>2</sup>A espécie foi considerada não identificada quando não foi possível visualizá-la.

As espécies com algum tipo de simbolismo foram as mais destacadas. Entre os relatos registrados, pôde-se constatar que as aves consideradas como indicadoras de mudanças climáticas estão bastante incorporadas às crenças mágico-espiritualistas locais, uma vez que anunciam acontecimentos ruins e/ou condições meteorológicas:

*“O acauã é agourento. Quando canta no pau seco é que vai fazer seca e quando canta no pau verde é que vai chover”.*

*“As pessoas matam o bem-te-vi, pois foi ele quem dedurou Jesus”.*

*“O amassa-barro ninguém mata, pois foi ele quem escondeu Jesus na sua casa”.*

*“A japuíra nós num mata, pois ela é o alarma das casas”.*

*“Se um urubu bater no carro ou cagar na cabeça, dá sete anos de atraso”.*

*“O beija-flor, quando entra na casa, traz alguma notícia ruim”.*

Pode-se considerar que o símbolo é mais do que um sinal, uma vez que transcende o significado e depende de sua interpretação. Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, gestos ou sonhos, quer percebamos, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas. Nas lendas, símbolos, expressões e linguagens do Pantanal, há sempre uma relação da cultura com a natureza, o que ocasiona essa riqueza na conexão simbólica entre seres humanos e as aves pantaneiras (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999; SATO & PASSOS, 2002; SATO *et al.*, 2002).

A comparação cognitiva dos relatos citados pelos moradores das comunidades com as descrições presentes em livros científicos pode ser observada na Tabela 2. Constatamos

que, apesar de constituírem linguagens diferentes (a linguagem local, da comunidade, e a linguagem científica), ambas as narrativas tratam do mesmo assunto, o que indica que não é só a Academia que produz conhecimento. Percebe-se, então, com os exemplos da Tabela 2, que as comunidades locais possuem um vasto saber, que embora não seja reconhecido como científico, faz parte de todo um processo de conhecimento inserido na vida de cada um dos moradores. Esses conhecimentos são marcados por visões particulares, o que é um dos seus maiores valores. Segundo MORIN (1991), “todo o conhecimento, inclusive o conhecimento científico, está enraizado, inserido e dependente de um contexto cultural, social, histórico”.

Para CAMPOS FILHO (2003), “sendo um campo de expressão da vida local, os conhecimentos nascidos nas culturas são conhecimentos verdadeiros para seus usuários, fruto da construção da vida social, podendo estar marcados por representações enganosas, assim como a produção científica, que, inclusive, clama por novos olhares, já que a especialização do conhecimento tem servido mais a aplicações tecnológicas pontuais, que partem de ideologias nem sempre explícitas, que para contribuir com o desenvolvimento da satisfação do viver das populações e das sociedades humanas”.

Assim, um diálogo entre diferentes campos científicos se faz necessário, de forma que a clareza e a aplicabilidade de proposições científicas que englobem populações humanas passem pelo reconhecimento do valor destas propostas pelas populações envolvidas, sendo necessário que este diálogo priorize um enfoque ambiental.

Os moradores do Pantanal reconhecem o habitat em

Tabela 2. Cognição comparada entre informações dos moradores de São Pedro de Joselândia e da Barra do Piraim e citações da literatura sobre as características das aves.

Citações dos moradores	Citações da literatura
“O xexêu (japuira) imita outros bichos pra enganar quem vai atacar seu ninho”.	“Ventríloquo; é comum os indivíduos selvagens imitarem perfeitamente aves e mamíferos” (SICK, 1997:795).
“A arara-azul é azulada, anda em bando, alimenta da polpa da castanha do acuri, bocaiuveira”.	“Plumagem totalmente azul-cobalto; os cocos de muitas palmeiras, sobretudo do buriti, mas também o tucum, bocaiúva, carandá e acuri, constituem sua alimentação predileta” (SICK, 1997:355-366).
“O bem-te-vi alimenta de inseto e fruta”.	“O alimento consiste predominantemente de artrópodes; às vezes predominantemente vegetal” (SICK, 1997:593).
“O biguá vive em bando, alimenta de pequenos peixes, a cor é preta”.	“Preto; o coro de muitos indivíduos soa ao longe como o ruído de um motor; piscívoros, apanham freqüentemente presas sem valor comercial” (SICK, 1997:194).
“O biguatinga vive mais só. Alimenta de pequeno peixe, a cor preta e marrom”.	“Negro com rico desenho branco sobre a asa; alimenta-se de insetos aquáticos, crustáceos, peixes” (SICK, 1997:196).
“O cabeça-seca alimenta de pequenos peixe e mussum”.	“Alimenta-se de peixes que ficaram isolados em lagoas formadas depois das enchentes” (ANDRADE, 1997:44).
“O cracará alimenta de pequeno pássaro, ovos e resto de animais morto”.	“Quando há queimadas em áreas de pastagens, cerrado ou matas, fica à espreita de animais, como cobras e lagartos que fogem do fogo. Gosta também de comer caracóis, lagartixas, anfíbios, filhotes de garças e biguás” (ANDRADE, 1997:57).
“O colhereiro alimenta de pequeno peixe”.	“Alimenta-se de animalejos aquáticos tais como peixinhos, insetos, moluscos e crustáceos” (SICK, 1997:216).
“A curicaca alimenta de inseto, minhoca”.	“Alimenta-se de caramujos, gafanhotos, aranhas, lagartixas, pequenas cobras e outros animaizinhos” (ANDRADE, 1997:46).
“A garça-branca alimenta de pequenos peixe, sapo”.	“Alimentam-se principalmente de peixes, apanhando também insetos aquáticos, caranguejos, moluscos, anfíbios e pequenos répteis” (ANDRADE, 1997:39).
“O tucano alimenta de frutas, filhotes de outro pássaro e ovos”.	“Alimenta-se de frutas nativas e, às vezes, preda ovos e filhotes de outras espécies” (ANDRADE, 1997:101).
“A arara-canindé se alimenta de cocos de bocaiúva, acori, cumbaru, manduvi, frutos e tarumarana”.	“Os cocos de muitas palmeiras, sobretudo do buriti, mas também o tucum, bocaiúva, carandá e acuri, constituem sua alimentação predileta” (SICK, 1997:355).
“A juriti se alimenta de sementes de capim, arroz e pequenos frutos”.	“Normalmente granívoros e frugívoros” (SICK, 1997:341).
“O socó-boi é solitário, alimenta de peixes”.	“É de hábito solitário; alimenta-se de peixes e insetos” (ANDRADE, 1997:41).

que vivem por meio de seus costumes, crenças e tradições. A sabedoria local relaciona-se com o nicho ecológico na diferença cultural da presença dos representantes da natureza, em suas belezas, utilidades, valores e símbolos. Assim, a grande amplitude e profundidade que adquirem os conhecimentos biológicos são consequência direta da estreita relação que existe entre o processo produtivo e os organismos vivos. Entretanto, contrariamente ao que poderia se supor, o conhecimento biológico não está restrito ao utilitarismo. O universo biológico é, além disso, recurso primário para a construção dos sistemas simbólicos e de classificação e fonte para a curiosidade das culturas humanas (TOLEDO, 1991).

São as comunidades tradicionais que possuem um vasto conhecimento de seu ambiente e de suas relações. De acordo com VIDART (1997), “os ambientes onde transcorre

a vida das comunidades humanas são mais complexos e simbolicamente significativos do que os estudados pelos ecólogos”. Ele defende também que não há sociedade humana sem formas produtivas que a sustentem e sem símbolos culturais que a corroborem e lhe proporcionem uma interpretação do mundo e da vida à sua volta. Para este autor, “a cultura é uma criação coletiva que se assume no nível pessoal: sociedade e indivíduo colaboram para mantê-la e acrescentá-la, adaptá-la ou descartá-la” e, justamente, pelo país apresentar uma grande variedade de modos de vida e culturas diferenciadas, que podem ser consideradas tradicionais, é que se faz necessário conseguir novas alternativas que viabilizem a conservação da diversidade biológica e das diferenças culturais.

Quando se fala na importância das comunidades

locais para a conservação da natureza, é perceptível o papel preponderante da cultura e das relações ser humano/natureza. DIEGUES (2000) e DIEGUES & ARRUDA (2001), ao definirem culturas tradicionais, trazem um aspecto relevante, que é a existência de sistemas de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais e à sua exploração dentro da capacidade de recuperação de espécies de animais e plantas utilizadas. Segundo DIEGUES (2000), “esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais”.

Uma coisa é certa: há a necessidade de se estudar melhor o conhecimento local das populações tradicionais do Brasil analisando até que ponto ele pode ser utilizado como uma nova política de conservação, pois a proteção dessas culturas tradicionais dentro de seu ambiente natural dá oportunidade para se alcançar o duplo objetivo de proteger tanto a diversidade biológica como a diversidade cultural (DIEGUES, 2000; PRIMACK & RODRIGUES, 2001). Embora essas populações pratiquem um modo de vida mais equilibrado, vêm sendo negligenciadas quanto aos subsídios para a elaboração de políticas públicas regionais, assim como são as primeiras a sofrerem os impactos ambientais e as últimas a se beneficiarem das políticas de conservação ambiental (ARRUDA, 1999; MALDONADO *et al.*, 2003).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE MA. 1997. **Aves silvestres – Minas Gerais**. Belo Horizonte: Conselho Internacional para a preservação das aves.
- ANDRÉ MEDA. 1995. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus.
- ARRUDA R. 1999. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente e Sociedade** 5: 79-92.
- BANDEIRA FPS DE F. 2001. Construindo uma epistemologia do conhecimento tradicional: problemas e perspectivas, p. 109-133. *In*: EM COSTA NETO & FJB SOUTO (Orgs.). ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1. 1999. **Anais...** Feira de Santana: UEFs.
- BECKER BK. 2001. Amazônia: construindo o conceito e a conservação da biodiversidade na prática, p. 92-101. *In*: I GARAY & B DIAS. **Conservação da biodiversidade em ecossistemas tropicais**. Petrópolis: Vozes.
- BENJAMIN C. 2002. **O Brasil é um sonho (que realizaremos): os desafios do Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ.
- CAMPOS FILHO LV DA S. 2003. Uma paisagem pantaneira, p. 63-70. *In*: M DE FB COELHO, P COSTA JUNIOR & JLD DOMBROSKI **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Cuiabá: Unicen.
- CHEVALIER J & A GHEERBRANT. 1999. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CHIZZOTTI A. 2000. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez.
- COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS. 2007. **Listas das aves do Brasil. Versão 10/2/2006**. Disponível online em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em 22 mar. 2007.
- CRUZ NETO O. 1994. O trabalho de campo como descoberta e criação, p. 51-66. *In*: MC DE S MINAYO (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.
- DIEGUES AC. 2000. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec.
- DIEGUES AC & RSV ARRUDA. 2001. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA. São Paulo: USP.
- GATTARI F. 2001. **As três ecologias**. Campinas: Papirus.
- GRÜN M. 2002. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental, p. 91-99. *In*: L. SAUVÉ, I ORELLANA & M SATO. **Textos escolhidos em educação ambiental – de uma América à outra**. Québec: Lés Publications ERE-UQAN, Tomo I.
- GUIMARÃES M. 2000. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papirus.
- ALDONADO CA, EJ KEIM, LA PASSOS & M SATO. 2003. Desejos ambientais: buscando a liberdade nas vicissitudes de Eros e Thanatos, p. 14-48. *In*: JE ROMÃO & JE OLIVEIRA. **Questões do século XXI, Tomo II**. São Paulo: Cortez.
- MAROTI PS. 1997. **Percepção e educação ambiental voltadas à uma unidade de conservação (Estação Ecológica do Jataí, Luiz Antônio, SP)**. MSc. diss. São Carlos: UFSCar.
- MARQUES JGW. 2001. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. São Paulo: NUPAUB.
- MORIN E. 1991. **O método IV – as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização social**. Portugal: Biblioteca Universitária.
- NORDI N, APG THÉ, JS MOURÃO, EF MADI, M CAVALLINI & SCS MONTENEGRO. 2001. Etnoecologia, educação ambiental e desenvolvimento sustentável, p. 133-144. *In*: JE SANTOS & M SATO. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Paulo: RiMa.
- PEDROSO JÚNIOR NN. 2002. **Etnoecologia e conservação em áreas naturais protegidas: incorporando o saber local na manutenção do Parque Nacional do Superagui**. MSc. Diss. São Carlos: UFSCar.
- PRIMACK RB & E RODRIGUES. 2001. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues.
- ROMA JC. 2000. A diversidade da avifauna brasileira. *In*: **Brasil 500 Pássaros**. Eletronorte: Brasília.
- SATO M, MC LEITE, H MEDEIROS & LC RIBEIRO. 2002. Diversidades poéticas no Pantanal, p. 58-96. *In*: M SATO (Coord.). **Sentidos pantaneiros: movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá: KCM.
- SATO M & LA PASSOS. 2002. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania, p. 10-33. *In*: M Sato (Coord.). **Sentidos pantaneiros: movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá: KCM.
- SICK H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- TOLEDO VM. 1991. **El juego de la supervivencia: un manual para la investigación etnoecológica en Latinoamérica**. Califórnia: Berkeley.
- VIDART D. 1997. **Filosofia ambiental: el ambiente como sistema**. Bogotá: Nueva América.